



**FAPAC - FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS
INSTITUTO TOCANTINENSE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS PORTO LTDA
CURSO DE MEDICINA**

**ISABELLA DUTRA MARCARINI
FELIPE CÉSAR AQUINO RAMOS DA SILVEIRA**

**PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DE DEPRESSÃO EM ALUNOS DO 1º AO 6º ANO
DE MEDICINA DE UMA FACULDADE DO TOCANTINS**

**PORTO NACIONAL-TO
2020**

**ISABELLA DUTRA MARCARINI
FELIPE CÉSAR AQUINO RAMOS DA SILVEIRA**

**PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DE DEPRESSÃO EM ALUNOS DO 1º AO 6º ANO
DE MEDICINA DE UMA FACULDADE DO TOCANTINS**

Artigo científico submetido ao Curso de Medicina da FAPAC- Faculdade Presidente Antônio Carlos ITPAC Porto Nacional, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Medicina.

Orientador (a): Denise Ramos Costa
(Informe a titulação do seu/sua orientador (a))

**PORTO NACIONAL-TO
2020**

**ISABELLA DUTRA MARCARINI
FELIPE CÉSAR AQUINO RAMOS DA SILVEIRA**

**PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DE DEPRESSÃO EM ALUNOS DO 1º AO 6º ANO
DE MEDICINA DE UMA FACULDADE DO TOCANTINS**

Artigo científico apresentado e defendido em ____/____/____ e aprovado perante a banca examinadora constituída pelos professores:

Professor: Denise Ramos Costa
Instituto Presidente Antônio Carlos

Professor: (Inserir o nome do Examinador 01)
Instituto Presidente Antônio Carlos

Professor: (Inserir o nome do Examinador 02)
Instituto Presidente Antônio Carlos

**PORTO NACIONAL-TO
2020**



PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DE DEPRESSÃO EM ALUNOS DO 1º AO 6º ANO DE MEDICINA DE UMA FACULDADE DO TOCANTINS

PREVALENCE OF DEPRESSION SYMPTOMS IN STUDENTS FROM THE 1st TO THE 6th YEAR OF MEDICINE FROM A FACULTY OF TOCANTINS

Isabella Dutra Marcarini¹
Felipe César Aquino Ramos da Silveira¹
Denise Ramos Costa²

¹ Acadêmico(a) do Curso de Medicina – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia, graduada em Medicina pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos, Residência em Medicina de Família e Comunidade pela Escola de Saúde Pública de Palmas, especialização em Saúde Pública pela Fundação Osvaldo Cruz, Mestrado em Maestria en Salud Pública - Escuela Nacional de Salud Pública, professora de ensino superior no Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos

RESUMO: **Introdução** - Os transtornos de humor são emoções persistentes que influenciam o comportamento de uma pessoa. São uma categoria importante de doenças psiquiátricas, e a mais prevalente delas é o transtorno de humor depressivo, que causa grande sofrimento psíquico e prejudica o desempenho acadêmico e social. **Objetivos** - O presente trabalho pretende avaliar a prevalência de sintomas de depressão em acadêmicos de Medicina de diferentes períodos, do 1º ao 6º ano de graduação. **Metodologia** - aplicação de questionários autoaplicáveis e anônimos nos participantes da pesquisa, incluindo-se questionário sociodemográfico e Inventário de Depressão de Beck (BDI). **Resultados:** a prevalência encontrada na população estudada foi de 46,1%, sendo que o 1º ano do ciclo básico evidenciou maior chance de desenvolvimento de quadro depressivo. Nessa análise não foram evidenciadas diferenças significativas entre homens e mulheres quanto a prevalência de sintomas depressivos. Como fatores que aumentam o risco de desenvolvimento do quadro foram encontradas diferenças relevantes entre os participantes que não praticam atividade física regular e aquelas que precisaram mudar de residência, principalmente de estado, para iniciar a graduação em medicina. Apesar da alta prevalência de sintomas depressivos, a minoria dos estudantes (26,8%) realiza acompanhamento psicológico/psiquiátrico, apesar de 80% acreditarem que se beneficiariam de tal auxílio. **Considerações finais** – Observou-se alta prevalência de depressão em estudantes de medicina nesta região e baixa taxa de procura por auxílio psiquiátrico e/ou psicológico. Entre os fatores de proteção está a prática regular de atividade física,

e, entre os fatores de risco, a necessidade de mudança de residência/estado para iniciar a graduação.

Palavras-chave: Depressão. Educação Médica. Estudantes de Medicina.

ABSTRACT: Introduction - Mood disorders are persistent emotions that influence a person's behavior. They are an important category of psychiatric illness, and the most prevalent of them is depressive mood disorder, which causes great psychological distress and impairs academic and social performance. **Objectives:** This paper aims to evaluate the prevalence of symptoms of depression in medical students from different periods, from the 1st to the 6th year of undergraduate. **Methodology:** application of self-administered and anonymous questionnaires to the research participants, including sociodemographic questionnaire and Beck Depression Inventory (BDI). **Results:** the prevalence found in the studied population was 46.1%, and the 1st year of the basic cycle showed a greater chance of developing depressive symptoms. In this analysis, no significant differences were found between men and women regarding the prevalence of depressive symptoms. As factors that increase the risk of developing the condition, relevant differences were found between the participants who do not practice regular physical activity and those who had to change their residence, mainly chance of state, to start their medical degree. Despite the high prevalence of depressive symptoms, the minority of students (26.8%) search for psychological / psychiatric help, although 80% believe they would benefit from such assistance. **Final considerations** - There was a high prevalence of depression among medical students in this region and a low rate of demand for psychiatric and/or psychological assistance. Among the protective factors there is regular practice of physical activity, and, among the risk factors, the need to change residence / state to start graduation.

Keywords: Depression. Medical Education. Medical Students.

1 INTRODUÇÃO

A depressão é considerada um transtorno de humor. A doença tem se tornado um problema de saúde pública, apresentando altos níveis de prevalência e de crescimento na população mundial. De acordo com dados publicados pela *World Health Organization* (2017) estima-se que em 2020 o transtorno se torne a segunda doença de maior prevalência do mundo, ficando atrás apenas das doenças cardiovasculares. Alguns dos sintomas clínicos incluem humor depressivo, tristeza, perda de interesse, insônia ou hipersonia, fadiga, sentimento de inutilidade ou culpa excessiva, dificuldade para se concentrar e pensamentos recorrentes de morte.

A prevalência de transtornos depressivos na população geral gira em torno de 4,4%, enquanto que os de sintomas depressivos gira em torno de 12% no decorrer da vida, de acordo com estimativas publicadas pela Organização Mundial de Saúde (2017).

A preocupação com a qualidade de vida dos estudantes de Medicina vem sendo alvo de diversos estudos, em vários países, como Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, entre outros, uma vez que resultados têm demonstrado que a prevalência de sintomas depressivos e de ansiedade nesse grupo populacional é significativamente maior quando comparado à população geral.

Andrade, Sampaio e Farias (2014) citam como fatores predisponentes o contato prematuro com a morte, a competitividade acirrada entre os alunos, a demanda dos professores, privação do lazer, carga horária exaustiva, a insegurança técnica e as incertezas do mercado de trabalho, os quais estão inseridos dentro do contexto da formação médica durante a graduação.

Uma meta-análise de mais de 200 estudos, envolvendo 130 mil estudantes de medicina em 43 países mostrou que as taxas de depressão estão cada vez maiores entre os estudantes de medicina em todo o mundo. Os números são preocupantes e, o pior, apenas uma pequena parcela procura ajuda. Os resultados do estudo mostraram que a prevalência de depressão ou sintomas depressivos foi de 27,2%. No entanto, a porcentagem de estudantes que procuram tratamento psiquiátrico foi de apenas 15,7%. (ROTENSTEIN *et al.*, 2016).

Assim, o objeto desse estudo é estimar a prevalência de depressão em estudantes de medicina de uma faculdade na região Norte do Brasil, em Porto Nacional, Tocantins.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma análise quali-quantitativa com delineamento transversal, realizado no período de setembro a novembro de 2020, cuja população foi constituída por acadêmicos de medicina de uma instituição privada do estado do Tocantins – ITPAC – Porto Nacional, onde foi realizado um levantamento de dados por meio da aplicação de um questionário sociodemográfico e o preenchimento do Inventário de

Depressão de Beck (BDI aos acadêmicos participantes da pesquisa do 1º ao 6º ano de Medicina da FAPAC/ITPAC – PORTO, regularmente matriculados durante o segundo semestre de 2020.

A população total de acadêmicos de Medicina da instituição totaliza um total de 720 indivíduos. Sabendo da inviabilidade e improbabilidade de adesão de todos os acadêmicos à pesquisa foi realizado cálculo amostral, o qual corresponde a confiabilidade de 95%, com uma margem de erro de 5% e, utilizando os números pré-determinados de valores críticos associados ao grau de confiança na amostra foi determinada a participação de no mínimo 251 (duzentos e cinquenta e um) acadêmicos do curso.

O IDB-II consiste em um grupo de 21 afirmações que variam de pontuação, entre zero e três, autoaplicáveis, com pontuação mínima de zero e máxima de 63. O teste é considerado normal se a pontuação for menor que 11 pontos, e constitui depressão se a pontuação ultrapassar esse ponto de corte.

Para ser considerado apto para participar do presente estudo foi necessário o enquadramento nos critérios de inclusão a seguir: concordar com Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE); preencher corretamente todos os campos do questionário sociodemográfico e Inventário de Depressão de Beck (BDI); estar matriculado entre o 1º e 12º período do curso de Medicina do ITPAC – PORTO.

Foram excluídos da pesquisa os acadêmicos que não concordaram com Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE); aqueles que preencheram parcialmente os campos do questionário sociodemográfico e/ou do Inventário de Depressão de Beck (BDI); acadêmicos que não estavam matriculados no curso de Medicina do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos – ITPAC – PORTO.

Foi adotada a variável depressão como dependente, analisada a partir de comparações binomiais com variáveis independentes, incluindo-se sexo, ano do curso, estado civil, etnia, religião, com quem mora, prática de atividade física, mudança de residência/estado.

Os dados disponibilizados foram utilizados para a elaboração de um banco de dados, que foi inserido nos programas Excel e BioEstat 5.0, onde foram feitas análises de variância de distribuições não normais, com as metodologias de teste exato de Fisher e testes binomiais.

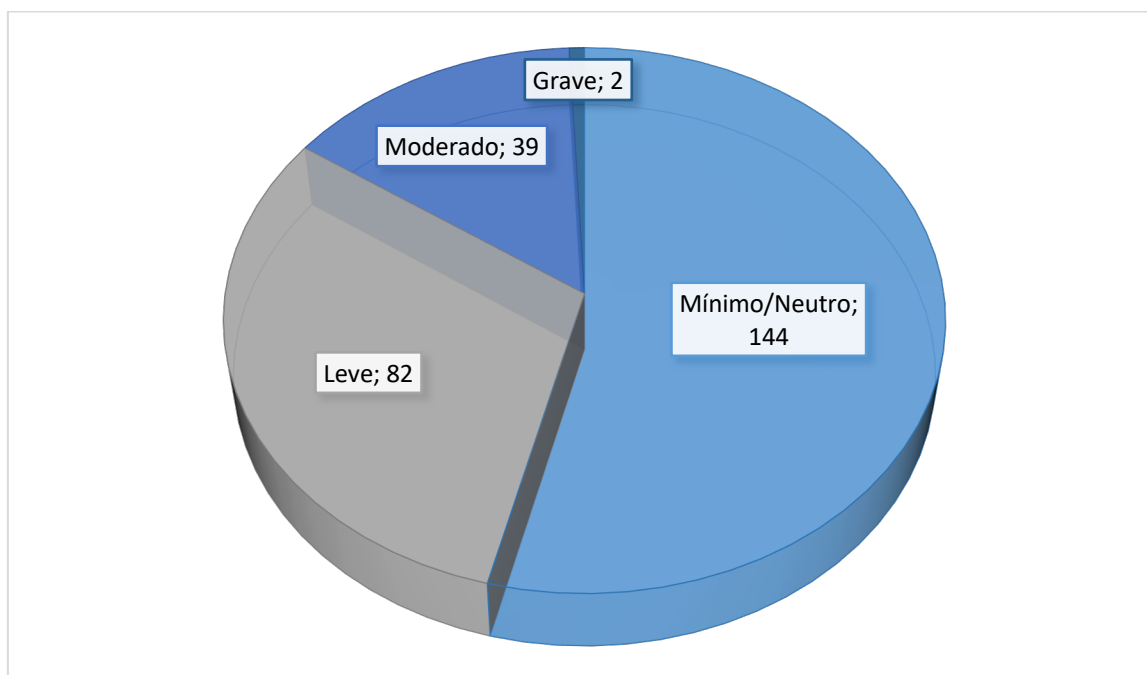
O respectivo projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da ITPAC – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos de Porto Nacional/TO, sob o parecer de número 4.358.272.

3 RESULTADOS

As taxas de resposta foram maiores dentre os alunos do 1º ao 4º ano (228 – 85,39%) quando comparado à participação de acadêmicos do internato (39 – 14,61%). A distribuição de respostas segundo sexo foi de 68,5% feminino (183) e 31,5% masculino (84). A média da idade dos participantes foi de 24 anos, com variância de 19 anos, sendo a idade mínima 17 anos e a idade máxima 43 anos.

Dos 267 participantes, 144 (53,9%) apresentaram pontuação de 0 a 11 no Questionário de Beck, sendo classificados como neutros ou intensidade mínima de Depressão. 82 participantes (30,7%) apresentaram pontuação de 11 a 19, considerados “depressão leve”, 39 (14,6%) apresentaram pontuação de 20 a 35, “moderado”, e, finalmente, 2 participantes (0,7%) pontuaram mais que 36 pontos no teste, sendo classificados com “Depressão grave”. Em geral, 46,1% (123) dos acadêmicos apresentaram algum grau de alteração segundo questionário de Beck.

Gráfico 1: classificação dos participantes conforme pontuação atingida no questionário de Beck



Fonte: gráfico elaborado pelos autores.

Tabela 1: análise descritiva da prevalência de depressão conforme ano do curso em relação ao total de participantes (267 estudantes)

Ano	Mínimo/neutro	Leve	Moderado	Grave	% com alteração segundo BDI
1º	15 (5,6%)	11 (4,1%)	8 (3%)	1 (0,4%)	20 (7,4%)
2º	15 (5,6%)	7 (2,6%)	1 (0,4%)	0	8 (3%)
3º	24 (9%)	16 (6%)	12 (4,5%)	1 (0,4%)	29 (10,8%)
4º	50 (18,7%)	43 (16,1%)	13 (4,8%)	0	56 (21%)
5º	19 (7,1%)	5 (1,87%)	3 (1,1%)	0	8 (3%)
6º	10 (3,7%)	2 (0,7%)	0	0	2 (0,7%)

Fonte: tabela elaborada pelos autores.

Tabela 2: análise descritiva da prevalência de depressão conforme ano do curso em relação a quantidade de participantes conforme ano do curso em andamento

Ano	Mínimo/neutro	Leve	Moderado	Grave	% com alteração segundo BDI
1º	15 (42,8%)	11 (31,4%)	8 (22,9%)	1 (2,9%)	20 (57,2%)
2º	15 (65,2%)	7 (30,4%)	1 (4,4%)	0	8 (34,8%)
3º	24 (45,3%)	16 (30,3%)	12 (22,6%)	1 (1,89%)	29 (54,7%)
4º	50 (47,1%)	43 (40,6%)	13 (12,3%)	0	56 (52,9%)
5º	19 (70,4%)	5 (18,5%)	3 (11,1%)	0	8 (29,6%)
6º	10 (83,3%)	2 (16,7%)	0	0	2 (16,7%)

Fonte: tabela elaborada pelos autores.

Quando analisada a variável sexo, 88 (71,5%) dos participantes que apresentaram algum grau de depressão são mulheres, enquanto 35 (28,5%) são homens. Sob uma análise descritiva das prevalências encontradas ocorreu

preferência pelo sexo feminino em todos os níveis de depressão, sendo que dentre os participantes com depressão leve foi constatada prevalência de 32,9% (27) em homens e 67,1% (55) em mulheres. Depressão moderada em 79,5% (31) das mulheres e 20,5% (8) homens. Cerca de 100% (2) dos participantes com depressão grave são do sexo feminino.

Entretanto, a análise binomial utilizando o software BioEstat 5.0 verificou que não houve diferença proporcional entre sexos, cujo valor de p foi maior que 0,05 ($p > 0,05$) na amostra avaliada. Portanto, no presente estudo não foi evidenciada variância significativa de prevalência entre sexos no que se refere ao acometimento por depressão.

Sob a aplicação da mesma análise bioestatística dentre as variáveis estado civil, religião, com quem mora e etnia não houve diferença significativa entre as amostras ($p > 0,05$).

Dentre os 123 acadêmicos com algum grau de depressão, 87% (107) tiveram que mudar de residência quando iniciaram a graduação em Medicina, sendo 75% (88) provenientes de outro estado. Ainda, dos 107 acadêmicos que trocaram de residência devido a graduação e possuem algum grau de depressão, 58 (54,2%) moram sozinhos, 24 (22,4%) moram com familiares, 21 (19,6%) moram com outros estudantes. Diante da análise dos participantes que apresentaram grau moderado a grave de depressão de acordo com o questionário, 100% (38) dos estudantes mudaram de residência para iniciar o curso de graduação em Medicina, sendo 78,9% (30) provenientes de outro estado, e 21,1% (8) provenientes de outra cidade do estado do Tocantins. A diferença significativa entre as amostras foi confirmada através de cálculo binomial com valor de $p = 0,03$.

Dos que apresentam algum grau de depressão, 70 (56,9%) afirmam praticar atividade física pelo menos 1 vez por semana, enquanto 53 (43,1%) não fazem nenhum tipo de exercício físico. Dos participantes que não apresentam nenhum grau de depressão 80,5% (116) praticam atividade física regularmente pelo menos 1 vez por semana, e 19,5% (28) não praticam. O cálculo binomial entre as amostras foi de $p = 0,0001$.

Tabela 3: distribuição dos 267 participantes de acordo com características sociodemográficas.

Variáveis demográficas	Categorias	Neutros/mínimos segundo BDI	Algun grau de depressão segundo BDI
Sexo	Feminino	59	88
	Masculino	49	35
Etnia	Branco	54	59
	Pardo	77	55
	Negro	12	9
Estado civil	Solteiro	126	110
	Casado/União estável	11	9
	Divorciado	3	0
Religião	Católico	21	15
	Protestante/Evangélico	6	4
	Espírita	0	2
	Nenhuma, e não acredito em Deus	3	2
	Nenhuma, mas acredito em Deus	16	10
Com quem mora	Com familiares	44	38
	Com outros estudantes	39	21
	Sozinho	57	59
Mudou de estado para iniciar a graduação	Sim	113	107
	Não	31	16
Prática regular de atividade física	Sim	116	70
	Não	28	53

Fonte: tabela elaborada pelos autores.

Dentre os acadêmicos que apresentaram algum grau de depressão conforme BDI (leve, moderado ou grave), apenas 33 (26,8%), afirmam realizar acompanhamento psicológico/psiquiátrico.

Daqueles que fazem acompanhamento psicológico/psiquiátrico, 72,7% (24) fazem uso regular de medicamentos com prescrição de um psiquiatra.

Dentre os participantes que apresentam algum grau de depressão e não fazem acompanhamento psicológico/psiquiatra 89% (81) afirmam acreditar que se beneficiariam desse auxílio profissional.

4 DISCUSSÕES

A qualidade de vida do acadêmico de medicina vem sendo estudada ao longo dos anos e, assim como os resultados deste estudo, a prevalência de sintomas depressivos nesse grupo populacional é expressiva.

Estudos anteriores que utilizaram o BDI de forma semelhante à aplicada neste estudo demonstraram prevalência de depressão com valores entre 13,9 e 48,2%, e entre o período da graduação mais afetado encontra-se o ciclo básico quando comparado ao internato. O respectivo estudou encontrou 46,1% de prevalência de depressão, sendo que 30,7% apresentaram sintomas leves, 14,6% apresentaram sintomas moderados e 0,7%, graves. A prevalência encontrada está dentro da variância esperada e em conformidade com a literatura, como no estudo de Moutinho *et al.* (2017) e Pacheco *et al.* (2017)

Em consonância com outros trabalhos, o presente estudo também demonstrou maior prevalência no primeiro ano do ciclo básico quando comparado ao internato. Esse dado estaria relacionado à nova rotina dos estudantes que ingressam na graduação e passam a vivenciar aumento da carga horária exigida de estudos, mudanças nos métodos de estudo e uma enorme gama de novas informações, como explica Paula *et al.* (2014).

Outro período de elevada prevalência de sintomas depressivos encontrado foi o quarto ano. Assim como afirmam os autores Melo-Carrilho, Van Oudenhove e

Lopez-Avila (2012), tal aumento pode estar associado aos anseios e inseguranças diante do início do período de internato.

Em discordância com estudos prévios, como o de Costa *et al.* (2012), 25% (10) dos acadêmicos do internato apresentaram sintomas depressivos, enquanto outros levantamentos sugerem uma prevalência de pelo menos 40%. Essa diferença estatística significativa pode ter se dado ao limitado tamanho da amostra de participantes cursando o internato, tendo em vista que o atual cenário de pandemia, durante o qual foi feita a coleta de dados, reduziu significativamente a adesão e acesso dos internos.

Os dados do presente trabalho também encontraram dados diferentes quando analisada a variável sexo que, apesar de aparentar prevalência do sexo feminino quando feita uma análise descritiva dos dados levantados, ao realizar análise binomial proporcional e comparativa entre os sexos feminino e masculino não foi evidenciada variância significativa ($p > 0,05$), portanto, não se pode afirmar que existe prevalência de determinado sexo em detrimento de outro no presente estudo, discordando, assim, de autores como Andrade, Sampaio e Farias (2014) e Vasconcelos *et al.* (2015).

A religião, estado civil, com quem mora e etnia não demonstraram relevância quando comparados ao aumento ou diminuição dos sintomas depressivos ($p > 0,05$), conforme também mostra Paula *et al.* (2014).

A análise da variável mudança de residência/estado demonstrou que a prevalência dos sintomas depressivos é significativamente maior entre estudantes que tiveram a necessidade de se mudar de estado para iniciar a graduação, sendo um percentual de 87% (107) entre os 123 alunos que tem algum grau de depressão.

O estudo de Vasconcelos *et al.* (2015), constatou que estudantes de medicina que tiveram a necessidade de se afastar do local de origem e do seu âmbito familiar estiveram mais expostos à fatores estressantes que desencadeiam sintomas depressivos. O mesmo trabalho revelou ainda que os universitários que estavam isolados e distanciados de seu ambiente familiar e que são oriundos de locais distantes de sua instituição de ensino, têm mais risco de desenvolverem depressão.

Outro artigo de mesma temática, desenvolvido por Gaviria, Rodriguez e Alvarez (2002), relacionando a qualidade das relações familiares com depressão em estudantes de medicina de Medellín, evidenciou que o aumento do risco de depressão

é inversamente proporcional à qualidade do relacionamento familiar desses estudantes. Ou seja, o vínculo encontrado a cerca da qualidade das relações familiares e dos sintomas depressivos sugerem que os laços familiares atuam como um significativo agente protetor quando entramos no mérito do aumento do risco de depressão nos estudantes de medicina. Em suma, fica claro que essas variáveis estão intimamente relacionadas com os sintomas depressivos identificados nesses acadêmicos.

Portanto, verificou-se que a prevalência de sintomas depressivos em acadêmicos de medicina é maior que a prevalência na população geral. Entretanto, mesmo após diagnóstico, uma minoria de estudantes busca auxílio profissional.

Já em relação aos acadêmicos que apresentaram algum grau de depressão, apenas 26,8% (33) afirmaram realizar acompanhamento psicológico/psiquiátrico. Entre os 90 participantes que apresentaram algum grau de depressão e não fazem acompanhamento psicológico, 80% (72) relataram que acreditam que se beneficiariam de um auxílio profissional para tratar o transtorno depressivo.

Segundo Millan e Arruda (2008), alguns fatores estão relacionados à essa baixa procura por assistência psicológica/psiquiátrica, como o grande preconceito quando se trata de doenças psiquiátricas, o que faz com que os alunos se sintam envergonhados e deixem de procurar atendimento, e até mesmo dentro das universidades são taxados como “loucos” pelos próprios colegas, diminuindo ainda mais a chance de procura por ajuda especializada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, evidencia-se que na região de Porto Nacional – Tocantins, a prevalência de sintomas depressivos em estudantes de medicina foi de 46,1%. Não foram evidenciadas diferenças entre sexo dentro dessa população, entretanto, prática regular de atividade física foi considerada como fator protetor quanto ao risco de desenvolvimento de sintomas depressivos, e a necessidade de mudança de residência, principalmente de estado, para iniciar a graduação foi associada a maior chance de desenvolvimento de depressão.

A atuação mais efetiva das instituições de ensino superior no que diz respeito à saúde mental dos estudantes de medicina e de intervenções que colaborem para amenizar os fatores de estresse que desencadeiam sintomas depressivos e/ou diminuem seu bem-estar, desde o ingresso e seu processo de formação até o seu egresso como profissional são medidas que podem minimizar os efeitos do curso sobre a saúde mental dos estudantes.

Essa atuação deve ser tratada com ênfase no acolhimento desses alunos que apresentam sintomas depressivos após uma mudança drástica do seu contexto social, do distanciamento familiar e, além disso, estão expostos à cobranças no que diz respeito ao processo de sua formação como profissional da saúde, à pressão por bons resultados no meio acadêmico e com uma intensa sobrecarga física e psíquica oriundas de todo esse conjunto de fatores.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Geraldo Francisco do et al. Sintomas depressivos em acadêmicos de medicina da Universidade Federal de Goiás: um estudo de prevalência. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 124-130, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082008000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082008000300008>.
- ANDRADE, J. B. C. D; SAMPAIO, J. J. C; FARIAS, L. M. D. Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 231-242, mai./2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022014000200010&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 26 set. 2019.
- ASSOCIATION, American Psychiatry. **Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais**. 5. ed. Washington: Artmed, 2014. Acesso em: 01 nov. 2020.
- BAPTISTA, Makilim Nunes; BAPTISTA, A. S. D; OLIVEIRA, M. D. G. D. Depressão e gênero: por que as mulheres deprimem mais que os homens?. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 143-156, ago./1999. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1999000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 6 out. 2019.
- COSTA, Edméa Fontes de Oliva *et al.* Sintomas depressivos entre internos de medicina em uma universidade pública brasileira. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 53-59, Fev. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

42302012000100015&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 01 nov. 2020.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302012000100015>.

CUCHE, Henry; GERAD, Alain. **Não aguento mais: um guia para compreender e combater a depressão**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2014. Acesso em: 01 out. 2019.

DYRBYE, L. N. *et al.* Personal Life Events and Medical Student Burnout: A Multicenter Study. **Academic Medicine**, Washington, v. 81, n. 4, p. 374-384, abr./2006. Disponível em:
 <https://sydney.edu.au/medicine/pdfs/dyrbe_2006_personal_life_events_and_medical_student_burnout.pdf>. Acesso em: 01 out. 2019.

GAVIRIA, Silvia; RODRIGUEZ, María de los Ángeles; ALVAREZ, Tatiana. Calidad de la relación familiar y depresión en estudiantes de medicina de Medellín, Colombia, 2000. *Rev. chil. neuro-psiquiatr.*, Santiago, v. 40, n. 1, p. 41-46, jan. 2002. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-92272002000100005&lng=es&nrm=iso>. Acessado em: 01 nov. 2020.

KESSLER, R. C. *et al.* Lifetime Prevalence and Age-of-Onset Distributions of DSM-IV Disorders in the National Comorbidity Survey Replication. **Arch Gen Psychiatry**, Los Angeles, v. 62, n. 7, p. 593-602, jul./2005. Disponível em:
 <http://www.ph.ucla.edu/epi/faculty/detels/PH150/Kessler_DSMIV_AGP2009.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

MELO-CARRILLO, Agustin; VAN OUDENHOVE, Lukas; LOPEZ-AVILA, Alberto. Depressive symptoms among Mexican medical students: high prevalence and the effect of a group psychoeducation intervention. **Journal of Affective Disorders**. Fev. 2012; 136(3) 1098-1103. doi:10.1016/j.jad.2011.10.040. PMID: 22119092. Acesso em: 22 out. 2020.

MILLAN, Luiz Roberto; ARRUDA, Paulo Corrêa Vaz de. Assistência psicológica ao estudante de medicina: 21 anos de experiência. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 90-94, Fev. 2008. Disponível em:
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302008000100027&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 out. 2020.
<https://doi.org/10.1590/S0104-42302008000100027>.

MORO, Adriana; VALLE, Juliana Barros do; LIMA, Leandro Prates de. Sintomas Depressivos nos Estudantes de Medicina da Universidade da Região de Joinville (SC). **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 97-102, ago. 2005. Disponível em:
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022005000200097&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2020. Epub Apr 22, 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v29.2-015>.

MOUTINHO, Ivana Lúcia Damásio *et al.* Depression, stress and anxiety in medical students: A cross-sectional comparison between students from different semesters.

Revista da Associação Médica Brasileira, São Paulo, v. 63, n. 1, p. 21-28, Jan. 2017. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302017000100021&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 nov. 2020.
<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9282.63.01.21>.

ORGANIZATION, World Health. **Depression and Other Common Mental Disorders**. 1. ed. Geneva: WHO Document, 2017. Acesso em: 12 out. 2020.

PACHECO, João P. et al. Mental health problems among medical students in Brazil: a systematic review and meta-analysis. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 369-378, dez. 2017. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462017000400369&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2020.

PAULA, Juliane dos Anjos de *et al.* Prevalência e fatores associados à depressão em estudantes de medicina. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 274-281, 2014. Disponível em
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822014000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 out. 2020.

PERITO, M. E. S; FORTUNATO, Jucélia Jeremias. Marcadores Biológicos da Depressão: Uma Revisão Sobre a Expressão de Fatores Neurotróficos. **Revista Neurociências**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 597-603, jul./2012. Acesso em: 26 set. 2019.

ROTENSTEIN, L. S. *et al.* Prevalence of Depression, Depressive Symptoms, and Suicidal Ideation Among Medical Students: A Systematic Review and Meta-Analysis. **Journal of the American Medical Association**, Boston, v. 316, n. 21, p. 2214-2236, dez./2016. Disponível em:
<https://jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/2589340>. Acesso em: 26 set. 2019.

SAMPAIO, Daniel; AFONSO, Pedro. **Manual de Psiquiatria Clínica**. 1. ed. Lisboa: Lidel, 2014. p. 402-405. Acesso em: 28 set. 2019.

SANTA, Nathália Della; CANTILINO, Amaury. Suicídio entre Médicos e Estudantes de Medicina: Revisão de Literatura. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 772-780, dez./2016. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000400772&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 set. 2019.

SERRA, Rosana Denobile; DINATO, S. L. M; CASEIRO, Marcos Montani. Prevalência de sintomas depressivos e ansiosos em alunos de medicina na cidade de Santos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p. 213-220, set./2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0047-20852015000300213&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 1 out. 2019.

SOLOMON, Andrew. **O Demônio do Meio-Dia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Acesso em: 28 set. 2019.

SOUSA, Juliana Sofia Pinto de. **Epidemiologia, etiopatogenia, diagnóstico e tratamento farmacológico da depressão em Portugal**. Orientador: Joana Queiroz. 2015. 84 p. Monografia (grau de Mestre em Ciências Farmacêuticas) - Mestrado, Porto, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61020736.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2019.

TORRES, A. R. *et al.* **Compêndio de Clínica Psiquiátrica**. 1. ed. Barueri: Manole, 2012. p. 296-314.

VASCONCELOS, Tatheane Couto de et al. Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 135-142, mar. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000100135&lng=en&nrm=iso. Acesso em 03 nov. 2020.